

Construindo um lar para mentes incipientes:

Os pais na sala de análise de crianças

Ana Carolina Ramon Tiuso¹, Belo Horizonte

Resumo: O presente trabalho apresenta o desenvolvimento dos meus pensamentos acerca da presença dos pais na sala de análise. Tal proposta surgiu em virtude da minha inquietação ao me deparar com a ausência de intimidade com a realidade mental dos pais de crianças analisadas por mim e suas consequências no processo analítico. Sofia, de seis anos, e Rodrigo, de oito, e seus respectivos pais, estão presentes, bem como os referenciais teóricos de Bion, Baranger, Kancyper, entre outros. Proponho que se adote uma conduta ativa de aproximar os pais do processo, pois a presença deles tem a força potencial de ser o continente que protege o *setting* e a mente em desenvolvimento da criança.

PALAVRAS-CHAVE: análise infantil; pais; campo psicanalítico.

Sofia: angústias, transformações e novas questões

A experiência com duas crianças, Sofia e Rodrigo, me inspiram na construção deste trabalho sobre a continência dos pais. Início o presente trabalho com um duplo sentido, uma vez que diversos níveis de dupla irão ser acolhidos e elaborados. “Continência dos pais” no sentido da necessidade de uma disposição da analista em relação aos pais, bem como dos pais em relação ao processo analítico da criança.

¹ Psicóloga, psicanalista, docente e membro efetivo da SBPMG.

Ana Carolina Ramon Tiuso

Sofia e Rodrigo trazem viva a questão do corpo como morada de angústias não mentalizadas. Angústias primitivas de liquefação e quedas no vazio estão presentes frente à falta de continência de suas mentes. Ambos me estimulam a pensar os processos necessários para construir a continência, a pele psíquica, e me instigam a construir um trabalho que os propicie a ter uma continência, um reencontro consigo mesmos, com seus pais, e estes, com seus filhos.

Sofia, de seis anos, em seu segundo ano de análise, trazia um som portátil pelas mãos ao entrar em minha sala. Fechou as cortinas, apagou a luz e ligou o som. Deitou-se próximo a mim, no tapete felpudo. Nesse clima íntimo, ouvimos esta canção:

Frio a neve assim me fez
Branco a luz assim me quis
Congelado estou, firme no lugar
Passo o inverno a esperar
Cachecol de lã xadrez
A cenoura no nariz
Rechonchudo eu sou
Fofa de apertar
Passo o inverno a imaginar
Que quando o sol aparecer e começar a esquentar
Eu sentirei meu corpo amolecer
E me tornarei um tanto de água a esperar que o inverno volte
Para o meu corpo congelar
Quando o sol aparecer e começar a esquentar
Eu sentirei meu corpo amolecer
E me tornarei um tanto de água pelo chão a esperar
Você (França, 2007, n. p.).

A música me traz o desafio do tornar-se, encarnar-se, a continuidade do ser associado ao corpo e à presença humana do outro.

O corpo nos é dado desde o nascimento, mas não a condição humana, que necessita de investimento de um outro. A experiência emocional, o desenvolvimento da mente, não podem ser concebidos fora de uma relação (Bion, 1962/1966).

Os pais de Sofia me procuraram muito angustiados. A escola havia sido enfática em relação aos prejuízos causados pela masturbação compulsiva, resultando em isolamento das demais crianças e defasagem pedagógica. Aos pais, preocupava sua incontinência urinária, já tratada com medicamentos diversos, sem sucesso.

Construindo um lar para mentes incipientes: os pais na sala de análise de crianças

Assim era o corpo de Sofia: ora congelado, excitado, afastado, esburacado, ora ávido pela busca de um continente. Meu “tapete-mente” seria um continente firme e macio capaz de libertá-la do congelamento em sintomas compulsivos?

Frances Tustin (1981) nos mostrou que, em lugar do fantasiar e do brincar, surgem os objetos autísticos provocadores de sensações autoengendradas, quando não há pele psíquica. A constituição desta requer um olhar materno carregado de disponibilidade para propiciar que o corpo primitivo, cenário de funções fisiológicas, se torne cenário de ensaio das funções mentais. “Assimilar, tragar, cuspir, vomitar, morder, coordenar movimentos, são os precursores da introjeção, projeção, destruição do objeto, trabalho mental ao ligar e fazer relações” (Lisondo, 2018, p. 1).

Os elementos da experiência sensorial encontram possibilidade de transformação em dados psíquicos graças à *revêrie* materna. A função continente, os intercâmbios entre mãe e bebê, o fluxo e refluxo contínuo e rítmico (Tustin, 1975) proporcionam a continuidade do existir. “Se não há um encontro, a continuidade de existir é procurada nas sensações, na bidimensionalidade que é uma defesa autista; para evitar as angústias corporais primitivas” (Lisondo, 2018, p. 3).

Quando os elementos da experiência não são processados a fim de ganharem significado emocional, ficam na fronteira entre a experiência somática e psíquica, entre o mental e o físico (Bion, 1962/1966). Desse modo, qualquer parte do corpo pode ser tomada, de forma idiossincrática, como um objeto autístico. Seriam atividades autocalmantes, ritualísticas, compulsivas. Assim, é construído um cenário de busca desesperada por um continente por meio de defesas contra a não integração, como as identificações adesivas e os sintomas de isolamento (Tustin, 1981). Sofia carecia de uma estrutura mental capaz de conter suas angústias mais primitivas. Nessas ocasiões, defesas autísticas eram acionadas na masturbação.

Nosso clima íntimo durante a música “Boneco de neve” é interrompido com um grito ensurdecido de Sofia, desintegrador da coesão e integração que partilhávamos. Assim se repetia em seu processo analítico, com frequência, tal vivência traumática, buscando simbolização e acolhimento à angústia. Um continente que se despedaçava.

Essa sensação de estar envolvido em um lugar bom Winnicott (1960) descreveu como uma sensação de estar contido, Esther Bick (1968), por sua vez, interpretou como uma força de coesão, um contorno que envolve o corpo psíquico, a mente, tal qual a pele envolve o corpo. Bion (1962/1966) entendeu que esse estado é proporcionado por um continente que dá forma e limites seguros.

Se essa sensação de estar dentro de algo seguro é perdida, o indivíduo sente que está “caindo para sempre”, ou “se derramando e dissolvendo”. Essas são angústias estudadas por Frances Tustin em *Barreiras autistas em pacientes neuróticos* (1990). Sofia se defendia com um grito, um susto, algo que dilacerava a intimidade, a afetividade. Aguardava o contato, tal como o “Boneco de neve”, mas o temia imensamente pela percepção da alteridade.

Ronald Britton, em seu artigo “Mantendo coisas em mente” (1994), afirmou que a situação analítica poderia ser descrita como um esforço de propiciar um mundo com limites (continente), em que o sentido pode ser encontrado (o contido). Sustenta que a eficácia da psicanálise se dá pela transformação da experiência por meio do processo de “continência”.

Sofia esteve em análise por anos e pudemos revivenciar muitas ameaças e ataques ao nosso vínculo, à minha continência, à nossa intimidade, processo fundamental para a tessitura de um tecido mental capaz de acolher emoções que Sofia vivenciava e ainda haveria de enfrentar em seu caminhar. Ogden (2010) tratou esse tema a partir da descrição de que o sofrimento advém da incapacidade de sonhar. A pessoa fica incapaz de elaboração psicológica inconsciente “[...] ou fica tão perturbada com o que está sonhando que seu sonho é interrompido. À medida que é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo é incapaz de mudar, ou de crescer” (p. 18). “A falha na função alfa² significa que o paciente não é capaz de sonhar e, portanto, não consegue dormir e não pode despertar” (Bion, 1962/1966, p. 6). Sonhar a experiência seria transformar, no sono e vigília, as impressões sensoriais em elementos criadores de associação, expansão, pensamento. É uma metáfora para uma categoria de funcionamento mental.

O trecho descrito anteriormente vivido com Sofia poderia ser considerado um dos vários pesadelos (metafóricos) experimentados por nós na vigília, pois

é um sonho no qual o sofrimento do indivíduo é submetido (em grau considerável) a uma elaboração psicológica inconsciente que resulta em crescimento psicológico. Entretanto esse sonhar é interrompido em um ponto onde a capacidade do indivíduo de gerar pensamentos-sonho e sonhá-los é sobrepujada pelos efeitos perturbadores da experiência emocional sendo sonhada (Ogden, 2010, p. 20).

² Conjunto de funções mentais capaz de transformar impressões sensoriais brutas em experiência emocional. (Bion, 1962).

Construindo um lar para mentes incipientes: os pais na sala de análise de crianças

Enfrentar emoções primitivas e sonhá-las para que o paciente possa ter uma penetrabilidade cada vez maior na experiência emocional é nosso ofício de amor à verdade (Bion, 1962/1966).

Apesar dos grandes assombros, o maior deles se configurou depois de muito trabalho, quando Sofia não mais se utilizava da masturbação como defesa e sua vida afetiva era rica e povoada de amigos. Sua família me pediu alta; afinal “estavam muito satisfeitos com o desenvolvimento emocional da filha”. Eles a levariam para um tratamento com uma terapeuta ocupacional para tratar da desorganização com o material escolar e falta de capricho nos deveres de casa, “questões nada ligadas ao emocional dela”. Estava claro para mim que essa era uma etapa de seu desenvolvimento emocional. Antes não havia para essa menina sequer a percepção da margem de seu caderno para delimitar questões relativas ao continente. Antes a cola, lápis ou qualquer material eram usados para a masturbação. Os materiais, as margens agora precisavam ter outro lugar simbólico nessa “nova” menina. Embora eu tenha apontado a relação entre a nova queixa e seu sentido emocional, eu não tinha intimidade suficiente com as questões latentes desse casal que estava decidido. Havíamos chegado a um impasse. Sofia se foi.

Reflexões sobre o envolvimento com os pais

Retomando o trecho anterior: quando os elementos da experiência não são processados a fim de ganharem significado emocional, ficam na fronteira entre a experiência somática e psíquica, entre o mental e o físico (Bion, 1962/1966).

Parto da perspectiva da força disruptiva que elementos não processados têm de esgarçar a tessitura (Assis, 2011) da relação analítica com a criança, caso não possam ser acolhidas e ganhar significado emocional. “Assim como Winnicott postula que não há bebê sem mãe, é válido dizer que não há psicanálise de crianças e adolescentes sem que os pais entrem na cena” (Lisondo, 2001, p. 97).

A esse respeito, Freud já afirmava em 1933:

As resistências internas, que combatemos nos adultos, são geralmente substituídas por outras dificuldades nas crianças. Quando os pais se fazem veículos da resistência, frequentemente o objetivo da análise ou ela mesma é ameaçada, por isso é necessário, com frequência, juntar à análise da criança alguma influência analítica sobre os pais. (Freud, 1933/1996, p. 309-310).

Percebo diversas naturezas de angústias nos pais de crianças em análise ou psicodiagnóstico, de ordem autística, narcísica, psicótica, edípica, entre outros aspectos primitivos. Uma experiência traumática é deflagrada frente à necessidade de enfrentar a realidade emocional do filho a qual eles, provavelmente, não estavam preparados para encarar, resultando em experiências traumáticas. Isolando-se autisticamente, esses pais ficariam susceptíveis a fantasias terroríficas passíveis de serem atuadas por meio da análise da criança. Feridos narcisisticamente ficam susceptíveis a descargas a partir de atuações na análise do filho, sob o domínio da parte psicótica da personalidade (Bion, 1962/1966). Uma vez que resvalamos em vivências primitivas, estaríamos no campo da escassez simbólica.

Como destacou Lisondo (2001), ao analisar crianças, o psicanalista está sujeito a “[...] tocar, aproximar-se das emoções, as mais primitivas, de três gerações (criança-pais-avós presente nos pais)” (p. 98).

Ferro (2008) abordou a relação objetal e intersubjetividade indispensáveis na criação da mente, fundamento e ferramenta do processo analítico. Ele não considerou inata a capacidade de tolerar a frustração, mas derivada da introjeção do funcionamento mental dos pais. Assim, nosso ofício, como analistas de crianças, se depara com o exame do funcionamento mental dos pais, na condição de responsáveis pelos elementos compartilhados no campo que interferem radicalmente no desenvolvimento do paciente e da análise.

Nossa sala de análise, representante de nossa mente analítica, pode ser o continente no qual os pais das crianças que atendemos podem ter a segunda chance de fazer nascerem funções parentais embrionárias. A partir de nossa função analítica, os pais podem ser acolhidos em suas primitivas angústias, algo que não fiz com os pais de Sofia.

Proponho que se adote uma conduta ativa de aproximar os pais do processo, em vez de esperar por uma atuação ou até sabotagem.

Sabotagem vem de “*sabot*” – os tamancos que eram jogados nas máquinas para paralisar e gerar danos. Vamos convidar os pais para que venham com os dois pés, inteiros.

Luis Kancyper, em 1992, trouxe a possibilidade de o analista de crianças e adolescentes utilizar uma ferramenta de alto valor heurístico, que permite incluir, dentro de sua leitura de campo analítico (Baranger, 1961/1963), as conexões que se

Construindo um lar para mentes incipientes: os pais na sala de análise de crianças

estabelecem em dupla direção, entre a conflitiva intrasubjetiva do analisando e a relação intersubjetiva parental. Ele sugeriu que possamos substituir as orientações que teriam como objetivo adequar o ambiente às necessidades de desenvolvimento da criança. Propôs penetrar na trama identificatória dos desejos de vida e morte que tenham recaído sobre o analisando e que, se não forem abordados tecnicamente pelo mesmo analista, continuam exercendo sua influência como foco vigente de uma trama de enganos em cumplicidades inconscientes.

Assim, o autor nos indicou que o mesmo analista faça a quantidade de sessões necessárias objetivando criar espaços e tempos mentais discriminados, para que o filho tenha um terreno próprio na mente dos pais. Isso significa que as expectativas sobre a criança estejam sobre o contorno do que pode ser pensado na presença do analista, em vez de se estabelecerem em um terreno desconhecido. Entendo a necessidade de criarmos, apesar das dificuldades inerentes a esse processo, um espaço mental no analista e temporal na análise, distintos do analisando.

A função do analista, segundo Kancyper (1992), seria:

- a) decifrar as inibições, sintomas e angústias no exercício da maternidade e da paternidade;
- b) outorgar um lugar de enfermidade do filho dentro do espaço mental de cada um dos progenitores, com o fim de poder albergá-la, em vez de expulsá-la;
- c) recortar e articular a problemática do filho dentro da dinâmica narcisista e edípica de cada um dos progenitores, do casal e da família.

Pensar os efeitos da presença dos pais na estrutura dinâmica que subjaz a relação da criança com o analista torna mais complexo o conceito de campo trazido por Baranger (1961/1963) para o tratamento de adultos. Deles se origina a visão que a psicanálise contemporânea tomou de que: “O campo é uma estrutura distinta da soma de seus componentes, como uma melodia é distinta da soma de notas” (Baranger, 1961/1963, p. 225). Com a noção de campo, torna-se claro que os pais fazem parte dele e devem ser vistos e trabalhados como parte da patologia específica da estrutura formada entre pais-criança e analista.

O trabalho psicanalítico com os pais exige uma fidelidade metapsicológica que sustenta o método e uma firme identidade analítica. Por isso, ele é oposto à orientação de pais, ao reassuramento ou ao aconselhamento para aliviar a ansiedade. O analista não pode ser cúmplice da patologia para evitar a necessária turbulência (Lisondo, 2010).

Ana Carolina Ramon Tiuso

Baranger denominou baluartes as áreas do campo relacional nas quais se produzem um conluio inconsciente que tende a imobilizar a ambos e se opor à evolução do processo analítico. Nesse sentido, a análise de crianças e adolescentes tem o potencial perigo de paralisação pela complexidade das influências se não forem acolhidas e trabalhadas analiticamente.

Pensando nessa complexidade, me lembro de Jani Santamaria em sua explanação emocionante no Congresso Inter-regional da Fepal em 2016, na cidade de Vinhedo:

O mais capital dos pecados é a mutilação da compreensão da dor infantil, porque tal mutilação mina o princípio de confiança, sem o qual todo ato humano, apesar de nascer biologicamente e apesar de que nos faça sentir bem e aparentemente correto, está propenso à corrupção. (Jani Santamaria, comunicação pessoal, Congresso Inter-regional da Fepal em 2016).

Estaríamos sendo coniventes com uma possível corrupção quando não dispomos de uma verdadeira hospitalidade (Assis, 2010) em relação às primitivas angústias oriundas de áreas não desenvolvidas da mente dos pais que prejudicam a compreensão da dor infantil de seu filho? Seriam pais que porventura também foram mutilados da compreensão de suas dores infantis?

Se não estivermos abertos a esse processo, poderemos perder a oportunidade de auxiliar o rompimento de um longo percurso transgeracional e criar possibilidades nos pais de busca de análise pessoal, conscientes do passo que estão dando.

Mentes incipientes e o trabalho da análise

Quase dez anos depois de minha experiência com Sofia, os pais de Rodrigo me procuram. Rodrigo não pode dormir só. Sua mãe tem que estar ao seu lado. Sua incontinência é deflagrada por meio da urina, que não pode segurar em si, apesar dos oito anos de idade. Quando há perda involuntária da urina durante a noite, Rodrigo vai ao quarto dos pais e retoma o contato físico concreto que se perdeu quando a mãe o deixou no quarto.

Na ocasião da procura dos pais, Rodrigo estava sendo atendido por fonoaudióloga que tratava a questão da comunicação. Os pais me explicam que a especialista justifica o tratamento pelo fato de ele não olhar nos olhos e ter dificuldades

Construindo um lar para mentes incipientes: os pais na sala de análise de crianças

de perceber o outro. Assim, entendi que sinais claros da angústia desse menino estavam sendo tratados como falta de treino em olhar e falar. Rodrigo se esquivava dos encontros. Para simbolizar e comunicar suas emoções e pensamentos, Rodrigo precisava de um trabalho psicanalítico em que pudesse ser compreendido nas suas falas não verbais.

Concomitantemente à análise de Rodrigo, alicersei encontros frequentes com os pais, nos quais busquei transformar essa compreensão concreta, estritamente corporal, em mental.

Descobrimos juntos, pais e eu, como eles próprios careciam de um espaço para ascender à comunicação. O pai revela a falta de esperança em um mundo que queira conhecê-lo e compreendê-lo. Ele também não olha nos olhos. Mãe e pai não se comunicam. Mas, anterior a isso: não se comunicam dentro de si, não há uma intimidade com sua interioridade. Assim, ter um espaço de continência em minha mente é encontrar com suas interioridades próprias, antes apartadas e projetadas na fala dos especialistas.

Desse modo, buscamos condições de eles construírem um lar diferente para meu paciente, bem como, e mais profundamente, um lar em si no qual meu paciente possa se nutrir.

Segundo Cassorla (2013), quando se trata de uma situação traumática, o processo de simbolização está “danificado” ou precário, acarretando a impossibilidade de pensar; com isso, há uma espécie de descarga que aparece em forma de condutas e sintomas.

Com agitação motora, expressão de sua angústia, Rodrigo elege em uma determinada sessão de análise alguns cavaleiros para montar uma cena no tatame de borracha no chão. Esses homens de forte couraça lutam incansavelmente para defender o que ele chama de “continente”. A ilha isolada é ocupada por robôs que, além da couraça, não podem ter coração ou mente próprias, são dominados em seus corpos por outras entidades. Eles buscam dominar o continente, nosso lar, meu, de Rodrigo e da “Família Real”. Incrível como um menino com tamanha capacidade de demonstrar seus conflitos pode ser corrompido a adaptar seu corpo, sua boca a falar e seus olhos a olhar, sem significado emocional. A mente psicanaliticamente treinada é capaz de captar o significado emocional de angústias persecutórias e defesas primitivas e transformá-las em conhecimento.

Ana Carolina Ramon Tiuso

Em uma sessão dos progenitores, sua mãe diz entristecida que não aquenta mais as “explosões” do marido.

Mãe: Rodrigo fica assustado, tenho certeza. Quando essas brigas acontecem ele tem incontinência urinária. Antes eu achava que uma coisa não tinha ligação com a outra, mas a partir de nossas conversas aqui tenho ligado os fatos.

Pai: Nada a ver! Ele é um mole que tem medo do escuro. Você nutre o medo dele e a análise não está adiantando para ele.

A angústia perante a percepção das dificuldades do filho não é tolerada e, nesse momento, a frustração é evacuada. A mente fragilizada perde a capacidade de pensar e necessita de acolhida para a angústia. A esposa e a análise se tornam portadoras da frustração com potencial risco de serem atacadas enquanto objetos persecutórios. Se esse intenso sentimento não puder ser transformado, as ligações com a esposa e com a análise do filho podem ser rompidas. A família depende da analista tal qual a análise depende da família.

Analista: Como você tem enfrentado o medo de Rodrigo antes de dormir? Pergunto ao pai.

Pai: Ele fica lendo e adormece.

Mãe: Não, ele fica lendo até de madrugada e exaurido dorme em cima do livro para no outro dia acordar muito cedo e cansado para a escola.

Analista: Lembrei-me de quando você trouxe como os livros te salvaram da dura realidade de sua casa na infância.

Assim, busquei discriminar as conflitivas paternas daquelas que seriam da criança, acolhendo a dificuldade de o pai encontrar em seu repertório emocional outra forma de lidar com primitivas angústias.

Analista: Estou sentindo que todos se assustam frente ao desencontro, que ainda não está claro para mim qual foi dessa vez, mas que tenho a impressão que não envolvia essa questão de Rodrigo diretamente.

Após um longo silêncio, que teve que ser suportado por nós três, o pai conta-me, bastante constrangido, que em briga com sua esposa joga o celular no chão e o despedaça. Assim como Rodrigo, a comunicação falha, o continente é invadido por forças destrutivas. Essa explosão violenta ocorre após sua esposa reclamar que ele estava envolvido com o celular enquanto ela, nas tarefas com as crianças, alvo de nossas conversas sobre as dificuldades encontradas por eles em serem cuidadores.

Construindo um lar para mentes incipientes: os pais na sala de análise de crianças

Apontei para o casal como a confiança construída entre nós possibilitou a chance de acolher algo impensável anteriormente. Apresentei uma nova conjectura acerca do ato do pai, visto como exclusivamente destrutivo: demonstrava também seu desejo em estar conectado intimamente a sua esposa, pois destrói aquilo que teme os afastar. Por meio da sessão, uma área embrionária da mente tem chance de nascer, a família e a análise prosperarem

Na sessão seguinte, Rodrigo me diz:

Rodrigo: *Não olhe nos olhos de um Endermen. Isso fala no rap do Minecraft.*

Analista: *De que Steve³ tem medo, Rodrigo?*

Ele levanta a cabeça, me olha nos olhos e pede.

Rodrigo: *Vamos construir uma casa igual a minha do Minecraft para eu te mostrar?*

Entramos, assim, em contato com um continente frágil, o qual possui uma porta que ele não sabe fechar. É uma aproximação do abrigo.

Outro abrigo ainda estava por nascer. Na recepção nos aguardava o pai. Ele procura o olhar de Rodrigo e o abriga num abraço carinhoso munido de terno sorriso. Fecho minha porta com a esperança quente de que o trabalho com pais pode construir um lar para mentes incipientes.

Continência da dupla analítica através do casal parental

Os elementos não integrados do continente-setting-campo, nascidos a partir das identificações projetivas cruzadas (entre paciente, analista e pais) entram no campo para serem trabalhados pelo analista, demandando dele a condição de hospitalidade. “Pode-se dizer que a condição de hospitalidade está alicerçada na receptividade à identificação projetiva” (Assis, 2010, p. 125).

Podemos considerar que o primeiro conteúdo mental a ser hospedado no início da análise de uma criança é o da dependência. Ela pode ser entendida como fruto das identificações cruzadas que possuem tal denominador comum. O contato com a dependência se instala rapidamente na encruzilhada entre pais, analista e criança. Não apenas do paciente é demandado o contato com a consciência da perda da onipotência, da admissão da incompletude ao necessitar de análise, mas de seus pais, que se

³ Personagem principal do jogo eletrônico Minecraft.

apresentam muito frequentemente culpados nesse momento, em virtude da “insuficiência” em ajudar o filho. Do analista se espera renúncia à onipotência e humildade para lidar com a condição humana de dependência.

Para analistas de crianças, a percepção da dependência se torna um ponto ainda mais fundamental por dois aspectos: a condição de realidade factual da dependência da criança em relação aos pais e a dependência da dupla analítica da condição mental dos pais em conter e auxiliar o desenvolvimento dela.

Se por um vértice, apontado anteriormente, é demandado do analista lidar com aspectos primitivos dos pais, por outro, é reconhecida a potência destes para fornecer a estrutura necessária à análise da criança. A presença dos pais durante o processo analítico do filho tem o potencial de ser o continente que protege o *setting*. Tal qual uma placenta⁴ é para um feto em desenvolvimento, os pais formam uma estrutura capaz de fornecer funções que a dupla não tem condições de suprir.

Se por um lado os pais são aqueles que necessitam da função analítica para conter suas dores e pensar a dor mental infantil, por outro, são os responsáveis por conter a dupla analítica que deles dependem. “Só e ao mesmo tempo dependente” (Mattos, 2018, p. 31), condição humana a qual Bion não nos deixa esquecer, percepção capaz de alertar a ambivalência de ora depender, ora atender, oscilação entre o repouso do acolhido e o tumulto do desconhecido.

O amor, em suas múltiplas faces, inclui o silêncio do acolhimento e o barulho da *com-vivência* com a turbulência. Entendo esses movimentos como exercícios de contato com experiência emocional, evitando evasões, o que fortalece a mente para novas experiências, à procura de novas representações (Assis, 2011, p. 200).

É a percepção da oscilação entre PS e D⁵ tirando-nos o sossego hipotético que teríamos ao delimitar uma estrutura rígida de acolhimento aos pais que nos chega.

⁴ “A placenta é um órgão presente na classe de mamíferos vivíparos (placentários), cuja função é realizar o intercâmbio de substâncias (nutrientes, gases e secreções), entre a circulação materna e a circulação do feto, atuando temporariamente como: pulmão, intestino, rim, fígado e adrenal.” (Mundo Educação, n. d., *online*).

⁵ Posição Esquizoparanóide e Depressiva.

Referências

- Assis, M. B. A. C. (2010). Hospitalidade no encontro analítico. *Revista Berggase*, 19(1), 117-135.
- Assis, M. B. C. de. (2011). Voilà mon coeur: o gesto amoroso do analista. *Ide*, 34(52), 193-205.
- Baranger, M. e W. (1963). La situación analítica como campo dinâmico. In M. e W. Baranger. *Problemas de campo psicoanalítico* (pp. xx-xx). Buenos Aires: Kargieman. (Trabalho original publicado em 1961).
- Bick, E. (1968). The experience of skin in early object relations. In M. Harris & E. Bick. *Collect papers of Martha Harris and Esther Bick* (pp. 114-118). Great Britain: The Roland Harris Education Trust.
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência* (J. Salomão e P. D. Corrêa, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
- Britton, R. (1994). Mantendo coisas em mente. In R. Anderson. *Conferências clínicas sobre Klein e Bion* (pp. 117-128). Rio de Janeiro: Imago.
- Cassorla, R. M. S. (2013). Afinal, o que é esse tal enactment? *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 183-198.
- Ferro, A. (2008) *Técnica e criatividade*. Rio de Janeiro: Imago.
- França, M. C. C. (2007). *Boneco de neve*. In M. C. C. França. *Toda cor*. Belo Horizonte: Sonhos & Sons. Faixa 9.
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad. Vol. 22, pp. 17-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Santamaria, J. (2016). *Comunicação oral*. In Congresso Interregional da Fepal. Vinhedo, SP.
- Kancyper, L. (1992). *Ressentimento y odio em la confrontación generacional*. In XX Congresso Interno y XXX Symposium, Assoc. Psicanalítica Argentina. Buenos Aires.
- Lisondo, A. B. D. (2001, nov.). O lugar dos pais na análise de crianças e adolescentes: uma menina rainha num trono – trincheira – prisão mental. *Psyche*, 5(8), 95-115.
- Lisondo, A. B. D. (2010). *Rêverie revisitado*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 68-86.
- Lisondo, A. B. D. (2018). *O corpo: uma insensível couraça defensiva*. In Conferência proferida na Sociedade Psicanalítica de Fortaleza. (material cedido pela autora)
- Mattos, J. A. J. (2018). de. *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos*. São Pauli: Blucher.
- Ogden, T. (2010). *Essa arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Tustin, F. (1975). *Autismo e psicose infantil* (I. Casson, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Ana Carolina Ramon Tiuso

Tustin, F. (1981). *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1960). *Teoria do relacionamento paterno-infantil*. In D. W. Winnicott. O ambiente e os processos de maturação (pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed.

Ana Carolina Ramon Tiuso
anacarolramon@hotmail.com